

A diversidade e resiliência cultural da Avenida Paulista

Lucia Kazumi Kurimoto

mestranda em Projeto de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Rosana Helena Miranda

Prof^a Dr^a da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Resumo

O vetor Sudoeste da cidade de São Paulo é lugar de privilégio com concentração de investimentos públicos e privados em infraestrutura e em edifícios icônicos. Apesar das transformações na cidade ao longo dos séculos a segunda centralidade do vetor apresenta uma constante vitalidade e diversidade. Estes diferenciais podem ser compreendidos a partir da leitura dos quatro estratos temporais que compõem as características físicas e imateriais da Avenida Paulista.

Na década de 1990, no momento das comemorações de seu centenário, a Avenida foi eleita símbolo de São Paulo e foram abertas a linha verde do metrô e alguns Centros Culturais que contribuíram para sua popularização.

A Avenida Paulista é considerada o polo cultural da cidade devido à concentração de equipamentos culturais e de patrimônios culturais e ambientais tombados pelo Iphan¹, Condephaat² e Conpresp³. Mas há a coexistência diária de manifestações populares importantes que são potencializadas com o programa Paulista Aberta. Devido a sua importância para a cidade, a Avenida Paulista está incluída no perímetro dos Territórios de Interesse da Cultura e da Paisagem em São Paulo, que tem o objetivo de preservar o patrimônio e estimular as iniciativas locais na cultura, na educação e no meio ambiente.

Palavras-chaves: Avenida Paulista, patrimônio cultural, patrimônio ambiental, diversidade, resiliência.

1891-1937: Boulevard, casarões e bondes

Em 1891, a Avenida Paulista arborizada nos 2.800 metros de extensão por 30 metros de largura foi inaugurada para ser um espaço cultural⁴ pelo engenheiro Joaquim Eugênio de Lima. No ano seguinte ao seu lançamento, este empreendedor imobiliário também obteve a concessão para construção do Viaduto do Chá ligando o centro ao novo bairro.⁵ Nos anos seguintes passa a ser o metro quadrado mais caro da cidade devido à conclusão de obras do Parque Villon⁶, de infraestruturas e a regulamentação do loteamento para a construção de casarões ecléticos da elite paulista.⁷ Portanto, o processo de especulação e valorização do vetor Sudoeste por agentes públicos e privados do mercado imobiliário já existia no final do século XIX.

Durante as décadas de 1920-30, o conjunto formado pelo Belvedere e pelo Parque Trianon foram transformados em símbolo da riqueza da elite paulistana.⁸ Simultaneamente, estes moradores e frequentadores da Avenida



Figura 1. A Casa das Rosas (escritório Ramos de Azevedo, 1935) e o programa Paulista Aberta no domingo. Fonte: KURIMOTO, 08 set. 2019.

conviviam com as corridas de carros aos domingos, os cursos durante a semana do carnaval, a corrida de São Silvestre e outras manifestações populares configurando um espaço de encontro e lazer.⁹ Atualmente há poucos remanescentes deste estrato, dos quais a maioria são patrimônios culturais e ambientais tombados pelo Condephaat e a corrida de São Silvestre¹⁰.

1937-1959: Verticalização residencial

A década de 1930 foi marcada pela transformação do cotidiano da população, da organização do espaço urbano e da economia devido à crise da produção cafeeira e ao processo de industrialização da cidade, provocando a migração de moradores da Avenida para outras regiões.¹¹

No início da sua verticalização foram construídos os edifícios residenciais como o Anchieta, o Três Marias, o Saint Honoré, a Paulicéia e o São Carlos do Pinhal¹². A maioria destes edifícios tentava reproduzir

verticalmente o conforto dos casarões e eram destinados para as novas elites paulistas.¹³

Nos anos 1950 foram construídos os primeiros edifícios multifuncionais como o Nações Unidas com pequenas lojas nas galerias do térreo e vitrines abertas para a Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Os apartamentos pequenos e grandes do edifício Nações Unidas e do edifício Baronesa do Arary introduziram o condomínio composto por diferentes níveis econômicos, sociais e culturais, sendo um marco para o início da popularização e diversificação de moradores na região.

1960-1990: Centro financeiro

Na década de 1950, os casarões foram sendo substituídos por edifícios altos icônicos e a flexibilização legislativa viabilizou construções como a sede do banco Sul Americano e o Conjunto Nacional¹⁴. A disposição das lojas nas fachadas e nas galerias do Conjunto Nacional foi um marco para as atividades comerciais em espaço de referência de fruição urbana. A crescente migração de atividades



Figure 2. Edifício Paulicéia (arquitetos Jacques Pilon e Giancarlo Gasperini, 1958). Fonte: KURIMOTO, 07 jul. 2017.



Figure 3. Vão livre do Masp (arquiteta Lina Bo Bardi, 1968) e o Parque Tenente Siqueira Campos a direita. Fonte: KURIMOTO, 15 nov. 2015.

financeiras, comerciais e culturais consolidaria a nova centralidade da metrópole nos anos 1970. Durante este período do milagre econômico teve início uma segunda fase de verticalização, focada em edifícios corporativos e o alargamento da Avenida para 48m.¹⁵ Foi quando foram construídas as sedes dos bancos Sudameris, City Bank e Caixa Econômica Federal, a sede da FIESP/CIESP¹⁶, os hotéis de luxo e os restaurantes sofisticados para acolher os executivos nacionais e internacionais.¹⁷ A imagem da Avenida Paulista foi totalmente transformada e “os espaços públicos de lazer foram substituídos por lugares privados de lazer e de consumo”,¹⁸ principalmente o teatro do Sesc e os cinemas de rua como o cine Astor, o Belas Artes, o Bristol, o Gazeta, etc. A partir dos anos 1980, houve uma migração gradual dos cinemas para os Shopping Centers, mas a região da Paulista ainda concentra a maioria dos cinemas de rua remanescentes, dentre os quais o cine Belas Artes retomou suas atividades em 2014 e foi tombado pelo Condephaat em 2015, após três anos de fechamento.

O Belvedere Trianon foi substituído pelo novo

Museu de Arte de São Paulo¹⁹, onde foi mantida a configuração original de mirante e de praça livre no vão livre de 74 m. Na falta de um centro cívico na cidade, este está entre os principais pontos de encontro e espaços apropriados pela população para a maioria das manifestações políticas, festejos, eventos, etc.

1991-2019: Popularização, polo cultural e Paulista Aberta

Nos anos 1990, a centralidade no metro quadrado mais caro da cidade foi deslocada e provocou um princípio de degradação urbana. A mobilização da população e dos empresários locais transformou-se na Associação Paulista Viva e um decreto municipal criou o Programa de Requalificação Urbana e Funcional PROPAULISTA. Neste período uma campanha publicitária veiculada em diversas mídias, escolheu a Avenida Paulista como símbolo da cidade em 1991.

No início dos anos 2000, o retorno de investimentos imobiliários na região central também contribuiu para renovação da Avenida Paulista. Após 2010 recuperou-se a vitalidade



Figura 4. Vista da Avenida Paulista do mirante do Sesc Avenida Paulista. Fonte: KURIMOTO, 19 set. 2018.

imobiliária com a reconstrução do Center 3 e a construção de alguns empreendimentos multifuncionais como a Torre Matarazzo e a obra da Cidade Matarazzo²⁰ e seus respectivos Shopping Centers com novas opções de lazer e consumo.

A Casa das Rosas, o Instituto Itaú Cultural e o Centro Cultural FIESP dos anos 1990 juntamente com os novos Instituto Moreira Salles, Japan House e Sesc Avenida Paulista²¹ compõem o polo cultural divulgado pela grande mídia. Mas a produção artística da Avenida Paulista não é limitada a este segmento cultural. Também fazem parte os performers, os ambulantes, os artesãos, etc., ou seja, a presença da “potência da vida do ‘qualquer um’, do artista anônimo, do cidadão participante do jogo estético das redes e de novos modos de viver e apreender a paisagem urbana.”²²

Em 2016, teve início por meio da lei municipal²³ o programa Paulista Aberta aos domingos e feriados, configurando-se como um lugar de lazer para os pedestres, ciclistas, skatistas, etc., acolhendo apresentações

artísticas, pequenos shows, comércio, entre outras atividades culturais ao longo de sua extensão.²⁴

Desse modo, a Avenida popularizou-se com uma intensa movimentação de pessoas ligadas às atividades profissionais e educacionais durante a semana e às atividades culturais e de lazer nas noites e nos finais de semana. Todas estas atividades são favorecidas pela acessibilidade proporcionada pelas cinco estações de metrô das linhas verde, amarela e azul.

Considerações Finais

Os edifícios simbólicos desta era são as torres que exibem a sua força econômica²⁵ e conferem identidade à metropolização²⁶. O impacto desta forte simbologia traz visibilidade e representatividade para a Avenida Paulista, que são apropriadas como vitrine para sua arte pelos artistas de rua vindos da periferia e para promoção do perfil social das empresas.

No estudo do Labmob sobre o impacto da Paulista Aberta²⁷, os resultados foram positivos quanto à aceitação de moradores e

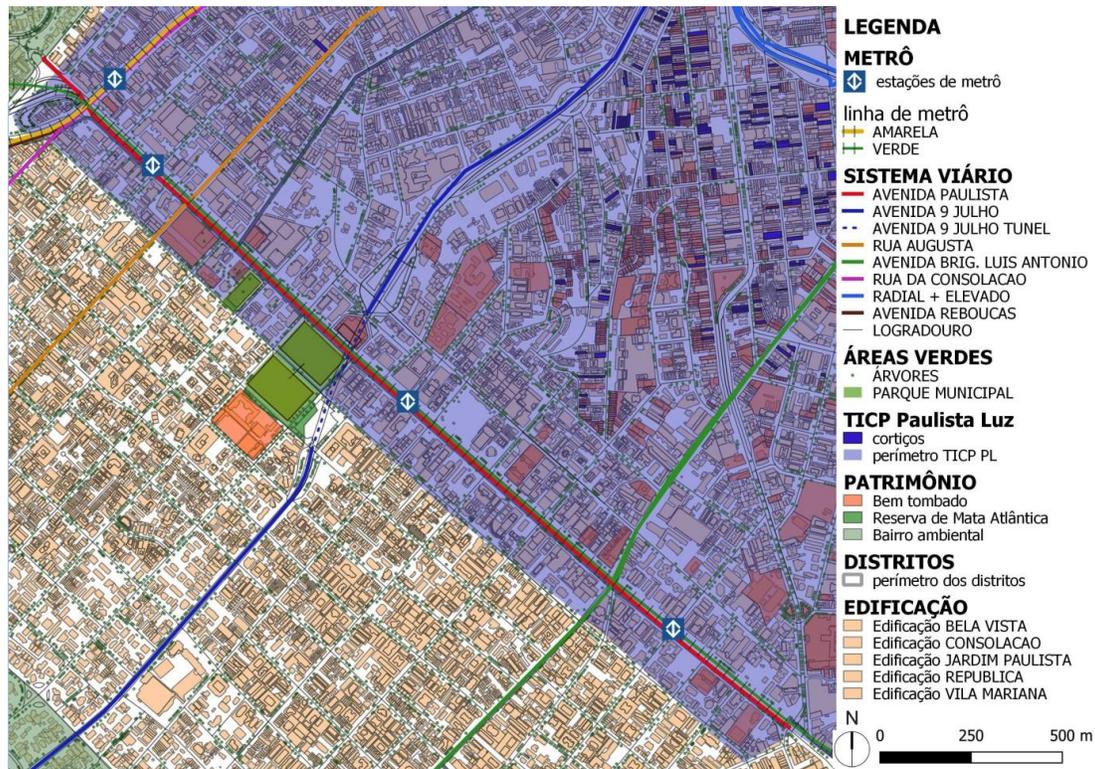


Figura 5. Mapa da Avenida Paulista e do perímetro parcial do TICP Paulista Luz. Fonte: KURIMOTO, a partir dos dados do site Geosampa e do PDE 2014, 08 dez. 2019.

frequentadores porque o programa estimula o uso dos espaços públicos da cidade pela população. A Paulista Aberta é o espaço público mais disputado da cidade, contabilizando a passagem de 950 pedestres e 70 ciclistas em um intervalo de cinco minutos e as aproximadamente 43 atividades culturais atraem um o público de 2.380 espectadores²⁸, que são somados aos visitantes da programação gratuita dos centros culturais entre outras atividades.

Por isso, para a sociedade, os símbolos de representatividade da Avenida não estão nos edifícios altos, mas na significação social obtida pela consagração deste espaço pela população.²⁹ Deste modo, a atual Avenida Paulista pode ser vista como um antídoto para o problema do indivíduo metropolitano, o *blasé*³⁰, que ao ter suas relações sociais modificadas, passa a viver isolado nas metrópoles mundiais. As criações de espaços coletivos e públicos qualificados promovem encontros sem deixar de ser um lugar de trabalho do setor empresarial, dos comerciantes ambulantes e dos artistas de rua.

Também há diversidade nas dimensões sociais, econômicas e culturais no entorno composto por áreas nobres e de cortiços. Parte desta região central faz parte do perímetro do TICP Paulista Luz³¹, devido a sua importância como um território simbólico que abriga um conjunto de áreas culturais e naturais protegidas, lugares com elementos urbanos materiais, imateriais e de paisagem significativos para a memória e identidade da cidade, dos cidadãos e instituições³². Um de seus objetivos é conceber a cidade como um espaço educativo, cultural e colaborativo com a participação direta de moradores, artistas e educadores para estimular o diálogo, a produção cultural local e geração de renda.³³ A vulnerabilidade social não é exclusividade de áreas periféricas assim como as ações do TICP não pode garantir sua efetividade, mas colaboram para a construção de uma cidade “mais humana” por meio da valorização do patrimônio e potencialidades vivenciais com um amplo desenvolvimento cultural e educativo.³⁴

“As cidades crescem porque existe uma multiplicidade e complexidade de interesses nelas envolvidos.”³⁵ Mas os grandes investimentos financeiros não foram capazes de produzir nas outras centralidades do vetor Sudoeste, um espaço urbano com a vitalidade e a coexistência da diversidade encontrado na Avenida Paulista.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo apoio à pesquisa de mestrado.

Referências bibliográficas

Associação Paulista Viva. *Avenida Paulista: símbolo de São Paulo*. São Paulo: Paulista Viva, 2.000.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica: São Paulo (1809-1950)*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CTBUH. *Planning and Environmental Criteria for Tall Buildings*. United States: American Society of Civil Engineers, 1981.

Grupo de Pesquisa Estéticas da Memória no Século 21. *Masp.etc.br*. São Paulo: FAUUSP, 2019.

Labmob. *Avaliação de impacto da Paulista Aberta na vitalidade urbana*. Rio de Janeiro, Labmob, 2019.

São Paulo (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. *Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo: lei municipal n° 16.050, de 31 de julho de 2014; texto da lei ilustrado*. São Paulo: PMSP, 2015.

SOUZA, Maria Adélia de. *A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC; EDUSP, 1994.

TAFURI, Manfredo; DAL CO, Francesco. *Modern Architecture*. New York: H. N. Abrams, 1979.

TOPALOV, Christian; BRESCIANI, Stella; LILLE, Laurent Coudroy; D’ARC, Hélène Rivière (org.). *A Aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades*. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

Webgrafia

GALINA, Décio, e IODICE, Giuliana, “A potência da criação da Cidade Matarazzo.” Última modificação 01 fev. 2020. <https://forbes.com.br/forbeslife/2020/02/a-potencia-de-criacao-da-cidade-matarazzo/>.

ITDP Brasil. “Paulista Aberta: os impactos para visitantes e moradores após quatro anos do programa.” Última modificação 12 nov. 2019.

<https://www.archdaily.com.br/br/928149/paulista-aberta-os-impactos-para-visitantes-e-moradores-apos-quatro-anos-do-programa>.

SANDEVILLE, Euler; MANFRÉ, Eliane. “Cultura e Paisagem, uma nova perspectiva no tecido urbano.” Última modificação 25 nov. 2014.

<https://observasp.wordpress.com/2014/11/25/cultura-e-paisagem-uma-nova-perspectiva-no-tecido-urbano/>.

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. “Tenente Siqueira Campos – Trianon.” Última modificação 17 set. 2019.

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_centrooeste/index.php?p=5773.

Notas

1. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
2. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.
3. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico.
4. A palavra Avenida neste período tinha o significado de ruas muito “amplas e orladas de árvores, têm uso associados aos hábitos de recreação. Maria Cristina da Silva Leme, “Avenida”, in *A Aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades*, ed. Christian Topalov, Stella Bresciani, Laurent Coudroy Lille e Hélène Rivière D’arc, (São Paulo: Romano Guerra, 2014), 78.
5. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, *Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica: São Paulo (1809-1950)*. (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016), 148.
6. O nome do parque foi alterado ao longo do século XX: 1892-parque Villon, 1916-parque Trianon e 1931-parque tenente Siqueira de Campos. O parque tenente Siqueira Campos e o parque prefeito Mário Covas (jardim da Vila Fortunata) foram tombados por serem remanescentes da Mata Atlântica.
7. Associação Paulista Viva, *Avenida Paulista: símbolo de São Paulo*. (São Paulo: Paulista Viva, 2000), 24-32.
8. Secretaria do Verde e do Meio Ambiente “Tenente Siqueira Campos - Trianon,” última modificação 17 set. 2019. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_centrooeste/index.php?p=5773.
9. Associação Viva Paulista, Op. cit., 25-43.
10. Tombamento em 1982 do parque tenente Siqueira de Campos, 1985 do o Grupo Escolar Rodrigues Alves, 1986 do casarão Ernesto Dias de Castro (atual Casa das Rosas), 1.992 do casarão Joaquim Franco de Mello, e do jardim da Vila Fortunata (atual parque prefeito Mário Covas).
11. Associação Viva Paulista, Op. cit., 39-41.
12. O conjunto dos edifícios Pauliceia e São Carlos do Pinhal foi tombado pelo CONDEPHAAT em 2010 e pelo Conpresp em 2017.
13. Associação Viva Paulista, Op. cit., 47-48.
14. Conclusão das obras: 1962 do banco Sul Americano, 1958 do bloco horizontal do Conjunto Nacional e 1962 da torre. Ambos tombados pelo CONDEPHAAT em 2013 e 2005 respectivamente.
15. Associação Viva Paulista, Op. cit., 56.
16. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.
17. Ibid, 59.
18. Ibid, 54.
19. Tombamento pelo Iphan do acervo em 1969 e do edifício em 2008, pelo Condephaat do acervo em 1973 e do edifício em 1982, pelo Conpresp do acervo e do edifício em 1991.
20. A previsão de inauguração parcial era para maio de 2020, antes da pandemia provocada pelo Covid-19, in Décio Galina e Giuliana Iodice, “A potência da criação da Cidade Matarazzo.” Última modificação 01 fev. 2020. <https://forbes.com.br/forbeslife/2020/02/a-potencia-de-criacao-da-cidade-matarazzo/>.
21. Projetos dos arquitetos Andrade & Morettin, Kengo Kuma e Königsberger Vannucchi respectivamente.
22. Grupo de Pesquisa Estéticas da Memória no Século 21, *Masp.etc.br* (São Paulo: FAUUSP, 2019), 14.
23. Programa Ruas Abertas, Decreto nº 57.086/2016.
24. Ibid., 24.
25. CTBUH - Council on Tall Buildings and Urban Habitat, *Planning and Environmental Criteria for Tall Buildings* (United States: American Society of Civil Engineers, 1981), 3-4. (tradução de Lucia Kurimoto)
26. Maria Adélia Aparecida de Souza, *A identidade da metrópole* (São Paulo: Hucitec; EDUSP, 1994), 18 e 243.
27. ITDP Brasil – Instituto de Políticas de Transporte & Desenvolvimento, “Paulista Aberta: os impactos para visitantes e moradores após quatro anos do programa,” última modificação 12 nov. 2019. <https://www.archdaily.com.br/br/928149/paulista-aberta-os-impactos-para-visitantes-e-moradores-apos-quatro-anos-do-programa>.
28. Labmob – Laboratório de Mobilidade Sustentável, *Avaliação de impacto da Paulista Aberta na vitalidade urbana*. (Rio de Janeiro, Labmob, 2019), 7-8.
29. Benedito Lima de Toledo, “Entrevista,” in *Associação Paulista Viva*, Op. cit., 72.
30. Georges Simmel, *The Great Cities and The Life of the Spirit, 1903* apud Manfredo Tafuri e Francesco Dal Co, *Modern Architecture* (New York: H. N. Abrams, 1979), 88. (tradução de Lucia Kurimoto)
31. TICP - Territórios de Interesse da Cultura e da Paisagem em São Paulo, aprovado no PDE de 2014.
32. São Paulo (cidade), Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP, *Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo: lei municipal nº 16.050, de 31 de julho de 2014, texto da lei ilustrado* (São Paulo: PMSP, 2015), 139.
33. Euler Sandeville, Eliane Manfré, “Cultura e Paisagem, uma nova perspectiva no tecido urbano”, última modificação 25 nov. 2014. <https://observasp.wordpress.com/2014/11/25/cultura-e-paisagem-uma-nova-perspectiva-no-tecido-urbano/>.
34. Ibid.
35. Maria Adélia Aparecida de Souza, Op. cit., 246.